



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

14 de julho de 2015

Diário Catarinense
Notícias

“Pós-Graduações terão corte de 75% nos recursos para despesas”

Pós-Graduações terão corte de 75% nos recursos para despesas /
Universidades / Governo Federal / Contas públicas / Ministério da Educação
/ Bolsa de estudo / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC /
Programa de Apoio à Pós-Graduação / Proap / MEC / Coordenação de
Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior / Capes / Joana Maria Pedro /
Pró-Reitora

UFSC | **ORÇAMENTO MAGRO PARA 2015**

Pós-graduações terão corte de 75% nos recursos para despesas

REDUÇÃO À UNIVERSIDADE é reflexo do ajuste fiscal do governo federal para arrumar as contas públicas neste ano. Ministério da Educação defende que nenhuma bolsa de estudo será cortada

GABRIEL ROSA
gabriel.rosa@diario.com.br

Os programas de pós-graduação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) terão uma redução de 75% no valor previsto para despesas com atividades como participação em congressos, apresentação de trabalhos, tradução de artigos e financiamento de bolsas de doutorado no exterior em 2015. O corte no Programa de Apoio à Pós-Graduação (Proap) é reflexo do aperto que o Ministério da

Educação (MEC) vem enfrentando após o orçamento anual da pasta ter um corte de R\$ 9,4 bilhões.

O Proap é mantido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), instituição do MEC que financia programas de mestrado e doutorado. Na semana passada, universidades de todo o país receberam ofícios da Capes informando o repasse menor. Na Federal de Santa Maria, por exemplo, a redução foi de 68% e na da Bahia (UFBA), 75%.

Na UFSC, o documento enviado pela Capes na quinta-feira fala na liberação de “25% do valor

originalmente previsto” no orçamento, mas acena para possibilidade de reavaliar a situação.

INSTITUIÇÃO EVITA GASTOS EXTRAS

Pró-reitora de pós-graduação, a professora Joana Maria Pedro explica que, além de afetar diretamente pesquisas novas ou em andamento, a redução significa um segundo semestre mais magro, já que parte da quantia esperada foi gasta na primeira metade do ano. Por isso a universidade evita gastos extras com custeio.

- Todo mundo já estava sa-

bendo que haveria cortes, então nos prevenimos um pouco. A ida de estudantes para eventos, por exemplo, não deve ser tão afetada, mas realmente esperamos que o repasse ao Proap seja maior - explica a pró-reitora.

No sábado seguinte ao envio dos ofícios, o MEC divulgou nota em que assegura o repasse de R\$ 1,65 bilhão para os programas ligados à pós-graduação - incluindo o Proap. Segundo o ministério, o valor é de 90% do previsto para o ano, e nenhuma bolsa de estudo será cortada. O que será suprimido, entretanto, não foi informado.

Notícias do Dia Serviço

"Palestra na UFSC"

Palestra na UFSC / LEHCA / Laboratório de Ensino de História do Colégio de Aplicação / Palestra / O que é uma escola / Jorge Larrosa / Universidade de Barcelona / Trindade / Florianópolis

Palestra na UFSC

O LEHCA (Laboratório de Ensino de História do Colégio de Aplicação) promove amanhã, a partir das 9h30, a palestra "O que é uma escola". O palestrante será o pesquisador, filósofo e professor da Universidade de Barcelona Jorge Larrosa. O evento ocorre no auditório do Colégio de Aplicação, no Campus Universitário da Universidade, na Trindade, em Florianópolis. O evento é gratuito e aberto à comunidade. Informações pelo site www.ca.ufsc.br.

Diário Catarinense

Anexo

"#19"

#19 / Subtrópicos / Revista / Editora da UFSC / André Pereira / Dorva Resende

#19

Já está nas ruas a número 19 da *Subtrópicos*, a revista da Editora da UFSC. Nesta edição, o jornalista André Pereira mostra como a imprensa brasileira contribuiu para deformar a cobertura da guerra do Paraguai (1864-1870) e o editor Dorva Resende traça um paralelo entre os livros *Máquina de Armas* (de Warren Ellis) e *A Cidade & a Cidade* (de China Miéville), entre outros temas. A publicação é distribuída gratuitamente na Fundação Cultural Badesc, CIC, lojas da Livros & Livros, IF-SC e na livraria da própria editora. Também pode ser lida online em miud.in/1GFr.

**A Notícia
Portal
"Inovação"**

Inovação / Centro de inovação tecnológica / PPA / Governo do Estado /
Joinville / Univille / UFSC / BR-101



Diário Catarinense
Cacau Menezes
"Melhor do que pensávamos"

Melhor do que pensávamos / TV UFSC / 30 anos sem Luiz Henrique Rosa /
Documentário / Ieda Becker / Florianópolis

MELHOR DO QUE PENSÁVAMOS

TV UFSC exibiu domingo à noite, também lembrando dos 30 anos sem Luiz Henrique Rosa (9 de julho), o documentário de Ieda Becker sobre o nosso manezinho, aí sim, com imagens da época, vídeos, inclusive fotos e depoimentos de seus melhores amigos, dos humildes aos famosos, de Armando Pithigliani (Philips) a Liza Minnelli, que confessou que Luiz Henrique foi um dos dos seus melhores amigos de todos os tempos. Seu depoimento foi impressionante.

Como também foi a participação do crítico musical e amigo Ilmar Carvalho mostrando hoje que Luiz Henrique era muito maior do que pensávamos.

O filme da Ieda, além de ser a obra mais completa sobre o cantor e compositor catarinense que encarou Nova York com um banquinho e um violão e se deu muito bem, também conseguiu reunir pessoas muito interessantes da Ilha – vivos e mortos – que eram amigos dele. E nosso. Da cidade de Florianópolis. Serve também, portanto, como um belo arquivo.

A Notícia Sua Vida

“Para brincar longe da televisão”

Para brincar longe da televisão / Crianças / Férias / Brincadeiras / Jogos / Professora / Leila Peters / Colégio de Aplicação / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC / Leitura

FÉRIAS | MAIS INTERAÇÃO NA INFÂNCIA

Para brincar longe da televisão

Opção para os pais curtirem mais os filhos é desenvolver atividades longe de casa e com outros pequenos

THIAGO SANTAELLA

As férias já chegaram para muitas crianças em Santa Catarina. E, para os alunos da rede pública de ensino, começam na semana que vem. Mais tempo em casa significa também uma preocupação adicional para os pais. O que fazer para manter as crianças entretidas?

Por outro lado, o período é uma oportunidade para desenvolver atividades com os filhos – aquelas que você nunca tinha tempo e acabam ficando para depois. Brincar com eles das mesmas coisas que você fazia na infância é uma opção.

– Esse tipo de brincadeira só existe quando os pais apresentam – observa Márcia Mayumi, proprietária da loja de brinquedos educativos Parlela, em Florianópolis.

É fácil colocar a culpa no videogame para o isolamento do filho. Mas a verdade é que praticamente não há mais espaços para as crianças brincarem na rua. E cada vez mais os casais têm menos filhos.

– Não é que as crianças só queiram jogos eletrônicos. É o que elas têm acesso – diz a professora Leila Peters, do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Parques são bons espaços de interação

O espaço das crianças foi roubado pela insegurança do nosso dia a dia e por um estilo de vida que interage menos com o que está do lado de fora da porta de casa. Agora é uma nova responsabilidade dos adultos providenciar acesso a espaços de encontro para as crianças, como se reunir em parques, por exemplo.

Desenvolver brincadeiras é fundamental para a socialização dos pequenos. Por um motivo simples: o brincar só existe com a presença do outro. Além de desenvolver uma série de outras habilidades, dependendo da atividade:

– Praticam leitura, narrativa, respeitar regras, aprendem signos matemáticos (sem se dar conta) e exercitam a criatividade, com o uso da imaginação – explica a professora Leila.



DORICHES PANDIN

A MODA ANTIGA

A professora Leila Peters, do Colégio de Aplicação da UFSC, recomenda aos pais incentivar os filhos para brincadeiras mais populares

GLOBALIZANDO AS BRINCADEIRAS

■ Alemanha – Sardinhas

É quase o nosso popular esconde-esconde, mas ao contrário. Um dos participantes começa a brincadeira se escondendo, mas quem encontrá-lo, ao invés de avisar os outros, se esconde junto. E assim vai, todo mundo se espremendo. Quem sobra passa a ser o primeiro a se esconder na próxima rodada.

■ Austrália – “Que horas são, Seu Lobo?”

Um jogador começa no papel do lobo. Ele fica de costas para os outros participantes, afastado cerca de 15 passos. Depois de tudo arrumado, os outros jogadores começam a perguntar sobre as horas. Se ele falar 10 horas, o jogador que perguntou tem que dar 10 passos na direção do lobo. Se ele falar duas horas, dará dois passos, por exemplo. Quando o lobo achar que já tem alguém perto, grita “hora de jantar” e tenta pegar um dos outros jogadores. Quem for pego vira lobo.

■ Brasil – Sucuri

É um jogo praticado por indígenas da tribo dos Bororós, de Mato Grosso. Traça-se no chão um rastro ondulado, como se fosse uma cobra rastejando. O participante tem então que andar sobre ele saltando em um pé só. Quem consegue chegar até o final ganha (e faz um novo desenho). Dá para brincar na praia, por exemplo.

■ Colômbia – Pare

Um dos participantes começa a brincadeira com uma bola nas mãos. Ele arremessa o objeto para o alto e, em seguida, grita o nome de uma das pessoas que está brincando. O escolhido tem que tentar apanhar a bola antes de ela tocar o chão. Se conseguir, começa de novo, agora com ela arremessando a bola. Se não conseguir, tem que pegar a bola e gritar “pare”. Isso obriga todos os outros a pararem de correr para longe. A ela pode dar três passos e tentar acertar quem estiver mais perto.

■ Egito – Silêncio é ouro

Todo mundo se reúne em uma grande roda. Alí uma pessoa começa a brincadeira. Pode fazer cosquinhas ou caretas para o companheiro do lado. Este faz o mesmo com o amigo do lado até completar a volta. Só que quem der risada ou fizer algum barulho perde o jogo e sai da roda, até restar apenas um.

■ Itália – Mora

Duas pessoas, uma de frente para a outra, escondem as mãos. Ambos pensam qual a quantidade de dedos que o oponente vai mostrar. Depois chutam um número de um a dez no momento em que apresentam as mãos. Ganha quem acertar quanto vai ser a somatória das duas mãos – os dedos que você apresentou e os do colega.

■ Paquistão – Oonch Neech

Na tradução, a brincadeira se chama “em cima e embaixo”. Também é um jogo parecido com o pega-pega, mas tem suas peculiaridades.

Uma pessoa é escolhida para apanhar os outros participantes. Só que eles podem fugir subindo ou escalando algum lugar mais alto. Árvores, muros, muretas e cadeiras, por exemplo, acabam contando como “zonas seguras”.

■ Suíça – Eu espio algo

Alguém começa como líder e escolhe um objeto da sala em que todos estão reunidos. Os outros participantes tentam descobrir o que é fazendo perguntas. E o líder vai dando pistas, como quente ou frio.

■ Taiwan – Apanhe os pintinhos

É como o pega-pega, mas em uma adaptação de Taiwan. Nesta brincadeira asiática, quem for a águia escolhe uma galinha e os pintinhos. Ela tem que apanhar os pintinhos, que por sua vez, são defendidos por quem foi escolhido para ser a galinha. Aquela que for apanhada primeiro é a águia na próxima rodada da atividade.

Notícias do Dia Plural

"Humanidade e animalidade"

Humanidade e animalidade / Julia Amaral / Exposição / Ter as Costas Livres / Morte e vida / Debate / A Poética da Espreita: Julia Amaral / Edécio Mostaço / Udesc / Marina Moros / Antropologia visual / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina

Notícias do Dia
FLORIANÓPOLIS, TERÇA-FEIRA, 14/7/2015



Humanidade e animalidade

"Ter as Costas Livres".
Julia Amaral busca provocar reflexões sobre os animais e sua condição diante da morte

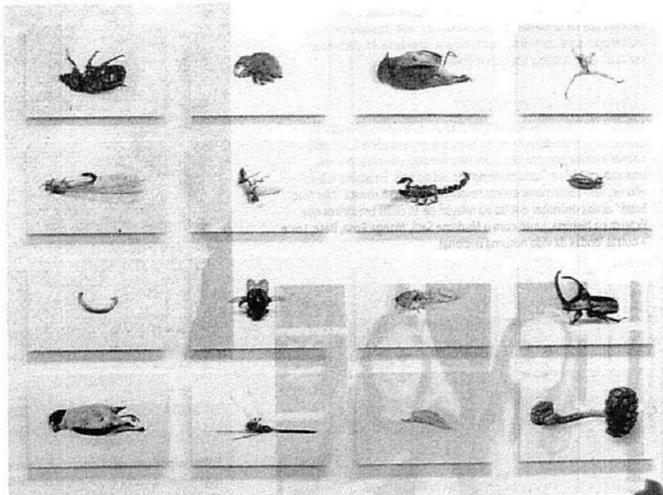
MARCIANO DIOGO
marciano.diogo@noticiasodia.com.br

• **Q**ué: Debate "A Poética da Espreita: Julia Amaral"
• **O**nde: Sala Multiuso do Museu Victor Meirelles, rua Victor Meirelles, 59, Centro, Florianópolis, tel. 3222-0692
• **Q**uando: 14/7, 18h30
• **Q**uanto: Gratuito

Podem parecer estranho o corpo do beija-flor estirado em uma pequena incubadora no canto da sala. Mas é esta subjetividade entre o simples e o complexo, pertinente na arte contemporânea, que é explorada na exposição "Ter as Costas Livres", da artista plástica Julia Amaral, 36, que segue aberta até dia 8 de agosto no Museu Victor Meirelles, no Centro de Florianópolis.

A artista paulista, radicada na Ilha há 17 anos, bacharel e mestre em artes visuais pela Udesc (Universidade Estadual de Santa Catarina), busca provocar reflexões sobre os animais e sua condição diante da morte em diferentes obras. São 16 fotografias coloridas medindo 25 x 38 centímetros cada, cinco objetos e um desenho. "Aquele que tem as costas livres está exposto à natureza selvagem, não se diferencia do animal e ser humano", suscita Julia, que trabalha a relação de morte e vida entre homem e animal em sua nova mostra. "Faço um comparativo entre a morte do humano e a morte do animal".

Esta é a sexta exposição individual de Julia Amaral, que reiniciada ao explorar essas relações em sua produção: "é uma temática intuitiva", afirma a artista. E de fato, intuição e racionalidade são incitadas na mostra. A exposição faz refletir o quanto há de animalidade em nós mesmos. "Os animais não têm medo da morte, mas o instinto deles os protege dela. Nós, muitas vezes, temos", afirma a artista plástica.



Estudo. Acima, registros dos bichos dispostos como em um catálogo. O pássaro morto (à dir.), que está na mostra

No trabalho fotográfico de Julia, os registros dos bichos pequenos estão alinhados como espécimes, como exemplos de formatos e cores, como em um catálogo de taxidermia. "Há uma conotação biológica, mas não é científico. Estudo formas, tamanhos e cores, mas o que norteia o trabalho de fato é a relação entre a morte, o homem e o animal", observa.

É com a mescla entre brutalidade e sensibilidade que Julia Amaral trabalha sua reflexão compartilhada. Assim como os registros fotográficos, as outras obras artísticas são provocadoras: a artista plástica utiliza a técnica de fundição em cera perdida, em que molda os corpos dos animais mortos com cera e metais como prata e cobre. Na mostra, Julia usa tal técnica em um crânio de passarinho e também em elementos orgânicos como cogumelos.

"O pensador Deleuze define o animal como o ser à espreira, um ser, fundamentalmente, à espreira. Nunca está

tranquilo. Ele diz que o escritor e o filósofo estão também à espreira. Eu me arrisco a dizer que também os fotógrafos e os artistas", explica a artista.

Debate sobre o trabalho

Hoje à tarde, aconteceu a mesa redonda "A Poética da Espreita: Julia Amaral", sobre os recentes trabalhos da artista plástica. A proposta do debate, aberto ao público, é discutir a trajetória de Amaral, assim como os seus trabalhos presentes na exposição "Ter as Costas Livres".

Os convidados são Edécio Mostaço, crítico, ensaísta e professor da graduação em artes cênicas da Udesc, e Marina Moros, artista, professora, doutora em literatura e PhD em antropologia visual da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). "Vai ser interessante discutir personalidades com o público. Crio por uma necessidade interna de fazer e mostrar. Minha reflexão é compartilhada", conclui Julia Amaral.

Produção.
A artista participa de uma conversa hoje no Museu Victor Meirelles



Plural

Diário Catarinense
Sua Vida
"Tempo de inventar brincadeiras"

Tempo de inventar brincadeiras / Crianças / Férias / Brincadeiras / Jogos / Professora / Leila Peters / Colégio de Aplicação / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC / Leitura

EDUCAÇÃO | PAIS TRABALHANDO, FILHOS EM FÉRIAS

Tempo de inventar brincadeiras

ATIVIDADES QUE PROMOVEM a socialização com outras crianças são uma opção para ir além do videogame, dos filmes e do celular. Recesso já começou para escolas particulares e rede estadual catarinense inicia a pausa na semana que vem

THIAGO SANTAELLA
thiago.santaella@diario.com.br

As férias já chegaram para muitas crianças em Santa Catarina. E, para os alunos da rede pública de ensino, começam na semana que vem. Mais tempo em casa significa também uma preocupação adicional para os pais. O que fazer para manter as crianças entretidas?

Por outro lado, o período é uma oportunidade para desenvolver atividades com os filhos - aquelas que você nunca tinha tempo e acabam ficando para depois. Brincar com eles das mesmas coisas que você fazia na infância é uma opção.

- Esse tipo de brincadeira só existe quando os pais apresentam - diz Márcia Mayumi, proprietária da loja de brinquedos educativos Parlenda, em Florianópolis.

É fácil colocar a culpa no videogame e em jogos eletrônicos pelo o isolamento das crianças. Mas a verdade é que praticamente não há mais espaços para os pequenos brincarem na rua. Além disso, as famílias estão encolhendo e a maioria dos casais tem apenas um filho.

- Não é que as crianças só queiram jogos eletrônicos. É que é o que elas têm acesso - diz a professora Leila Peters, do Colégio de Aplicação da UFSC. Ela tem mestrado e doutorado na França sobre o "brincar".

O espaço das crianças foi roubado pela insegurança do cotidiano e por um estilo de vida que cada vez interage menos com a rua. Desenvolver brincadeiras é fundamental para a socialização das crianças, porque dessa forma o brincar só existe com a presença do outro e quem quer participar é obrigado a ouvir e a interagir. Além de desenvolver uma série de outras habilidades, dependendo da brincadeira:

- Praticam leitura, narrativa, respeitar regras, aprendem signos matemáticos e exercitam a criatividade, com o uso da imaginação - diz Leila, que emenda uma última e importante lição de casa (para os adultos) - É fundamental que os pais não esqueçam de brincar junto.

BRINCADEIRAS AO REDOR DO MUNDO



TAIWAN | APANHE OS PINTINHOS
É como o pega-pega, mas em uma adaptação própria de Taiwan. Além de ter quem vai pegar os outros, nesse caso a galinha, na brincadeira se escolhe uma galinha e os pintinhos. A galinha tem que apanhar os pintinhos, que por sua vez, são de fendidos por quem foi escolhido para ser a galinha. Aquele que for apanhado primeiro é a galinha na próxima rodada.

SUIÇA | EU ESPIO ALGO
Pode ser brincada em qualquer lugar e parece aquelas de passar o tempo no carro. Alguém começa como líder e escolhe um objeto da sala em que todos estão reunidos. Os outros participantes tentam descobrir o que é fazendo perguntas. E o líder vai dando pistas: respondendo apenas muito quente, quente, morno, frio ou muito frio.



ALEMÃO | SARDINHAS
É quase o nosso popular esconde-esconde, mas ao contrário. Um dos participantes começa a brincadeira se escondendo, mas quem encontrá-lo, ao invés de avisar os outros, se esconde junto. E assim vai, todo mundo se espremendo como em lata de sardinha. Quem sobra passa a ser o primeiro a se esconder na próxima rodada.

ITALIA | MORA
Duas pessoas, uma de frente para a outra, escondem as mãos atrás das costas. Ambos pensam qual a quantidade de dedos que o oponente vai mostrar. Depois chutam um número de um a dez no momento em que apresentam as mãos. Ganha quem acertar quanto vai ser a somatória das duas mãos - os dedos que você apresentou e os do adversário.

EGITO | SILÊNCIO É OURO
Todo mundo se reúne em uma grande roda. Ai uma pessoa começa a brincadeira. Pode fazer cosquinhas ou caretas para o companheiro do lado. Este faz o mesmo com o amigo do lado até completar a volta. Só que quem der risada ou fizer algum barulho perde o jogo e sai da roda, até restar apenas um. Tem que saber controlar o riso para vencer.

PAQUISTÃO | DONCH NEECH
Na tradução, a brincadeira se chama "em cima e embaixo". Também é um jogo parecido com o pega-pega, mas tem suas peculiaridades. Um pessoa é escolhida para apanhar os outros participantes. Só que eles podem fugir subindo ou escalando algum lugar mais alto. Árvores, muros, muretas e cadeiras, por exemplo, acabam contando como "zonas seguras".

BRASIL | SUCURI
É um jogo praticado por indígenas da tribo dos Bororós, do Mato Grosso. Traça-se no chão um rastro ondulado, como se fosse uma cobra rastejando. O participante tem então que andar sobre ele saltando em um pé só. Quem consegue chegar até o final ganha (e faz um novo desenho). Dá para brincar na praia, por exemplo.



AUSTRÁLIA | "QUE HORAS SÃO, SEU LOBO?"
Um jogador começa no papel do lobo, fica de costas para os outros participantes, afastado cerca de 15 passos. Os outros jogadores começam a perguntar sobre as horas. Se ele falar 10h, o jogador que perguntou tem que dar 10 passos na direção do lobo, se falar, 2h dá dois passos, por exemplo. Quando o lobo achar que tem alguém perto, grita "hora de jantar" e tenta pegar um dos outros jogadores. Quem for pego vira lobo.



COLÔMBIA | PARE
Um dos participantes começa a brincadeira com uma bola em mãos e a arremessa para o alto. Em seguida, grita o nome de um dos colegas. O escolhido tem que tentar apanhar a bola antes dela tocar o chão. Se conseguir, começa de novo, arremessando a bola. Se não conseguir, tem que pegar a bola e gritar "pare". Os demais param de correr. A pessoa pode dar três passos e tentar acertar quem estiver mais perto.



PAQUISTÃO | DONCH NEECH
Na tradução, a brincadeira se chama "em cima e embaixo". Também é um jogo parecido com o pega-pega, mas tem suas peculiaridades. Um pessoa é escolhida para apanhar os outros participantes. Só que eles podem fugir subindo ou escalando algum lugar mais alto. Árvores, muros, muretas e cadeiras, por exemplo, acabam contando como "zonas seguras".

Fontes: Guia dos Curiosos, Portal SmartKids e Livro O Jogo da Onça - Outras brincadeiras indígenas

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

[Estudo da UFSC aponta que filmes legendados auxiliam no aprendizado das crianças](#)

[Em ranking das universidades do BRICS, UFSC ocupa a 12ª posição entre as brasileiras](#)

[Começa a matrícula na UFSC para aprovados na 2ª chamada do Sisu](#)

[Biogás é alternativa de renda para produtores do meio rural](#)